

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-UFMA
CAMPUS VII/CODÓ-MA
CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA

RAIMUNDO GONÇALVES CHAVES

A VAQUEJADA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL: um estudo de caso sobre
Fortuna/MA

CODÓ-MA

2023

RAIMUNDO GONÇALVES CHAVES

**A VAQUEJADA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL: um
estudo de caso sobre Fortuna/MA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/ História da Universidade Federal do Maranhão, Campus de Codó, como requisito para a obtenção do título graduado em licenciatura em Ciências Humanas/História.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Liliane Faria Corrêa Pinto

CODÓ-MA

2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Gonçalves Chaves, Raimundo.

A VAQUEJADA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL: um estudo de caso sobre Fortuna/MA / Raimundo Gonçalves Chaves. - 2023.

55 p.

Orientador(a): Liliane Faria Corrêa Pinto.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - História, Universidade Federal do Maranhão, Codó-MA, 2023.

1. A vaquejada como patrimônio cultural. 2. A vaquejada em Fortuna. 3. Os Patrimônios e seus ofícios.

I. Faria Corrêa Pinto, Liliane. II. Título.

Raimundo Gonçalves Chaves

A VAQUEJADA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL: um estudo de caso sobre
Fortuna/MA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/História da Universidade Federal do Maranhão, Campus de Codó, como requisito para a obtenção do título graduado em licenciatura em Ciências Humanas/História.

Orientadora: Prof^a Dr^a Liliane Faria Corrêa Pinto

Aprovada ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora- Professora Doutora Liliane Faria Corrêa Pinto

Universidade Federal do Maranhão-UFMA

Professor Doutor Dilmar Kistemacher

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Professora Doutoranda Maria Raquel Barros Lima

Universidade Federal do Piauí - UFPI

CODÓ-MA

2023

Dedicatória

Dedico esse trabalho aos meus avós maternos, dona Rita e seu Lourival.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado forças para concluir essa etapa tão importante da minha vida.

Agradeço aos meus avós maternos, dona Rita e seu Lourival, que sempre estiveram ao meu lado, principalmente a vó Rita que sempre me incentivou a estudar e adiantar no curso superior e que não mediu esforços para que eu pudesse concluir a graduação, você é meu exemplo de força, coragem e perseverança. Amo vocês.

Agradeço a minha família por sempre está ao meu lado, me apoiando em todos os momentos da minha vida e sempre me incentivando a ser uma pessoa melhor.

Agradeço ao seu Paizinho e Dona Consolação pelo carinho, são duas pessoas que sempre estiveram torcendo por mim, e me apoiando de alguma forma.

Agradeço professora Liliane por ter aceitado ser minha orientadora, por toda paciência, pela confiança, nos momentos de ansiedade sempre me aconselhando, dizendo que estávamos indo bem e que tudo acabaria bem.

Agradeço ao Davi Delgado pela assistência que me deu no primeiro dia que cheguei à UFMA, me ajudando no processo de estadia na cidade.

Agradeço a Carol Pereira pelos os momentos felizes que dividimos um com o outro durante a graduação, sua amizade sem dúvidas foi um dos presentes de mais valor que a universidade pode me proporcionar.

Agradeço a Dona Socorro pelos conselhos, ajuda nos trabalhos da UFMA, mulher forte, corajosa, sendo uma fonte de inspiração para mim.

Agradeço a Juliana Sousa pelo companheirismo nas tarefas do curso, tornando os dias na universidade mais fáceis.

Agradeço ao Wemerson pelas caronas e por ser uma pessoa com um coração enorme.

Agradeço à Malena por me ouvir falar da monografia várias vezes e não surtar comigo e, também, por ser uma pessoa tão prestativa e generosa com os outros.

Agradeço a cada um que contribui com minha pesquisa, ao seu Gildenor e sua família por terem me recebido em sua fazenda, é uma pessoa bastante prestativa e forneceu informações sobre o seu parque de vaquejada, fotos, história.

Agradeço a dona Gesina por compartilhar as histórias de Fortuna, me recebendo em sua casa com grande prazer, e com aquele cafezinho que só ela sabe preparar.

Agradeço a dona Ana Moura por compartilhar as histórias sobre a primeira vaquejada na cidade, por me recepcionar em sua casa com muito carinho, por ser tão atenciosa.

Agradeço ao Padre Raimundo Luzia por me receber para contar sobre a importância da missa do vaqueiro para a comunidade fortunense.

Agradeço ao João Gomes por me receber em sua casa e compartilhar as histórias de Fortuna.

Agradeço ao Sr Ivar Barbosa de Sousa por me receber em sua fazenda, me mostrando com todo prazer sua rotina e os cuidados com seu rebanho.

Agradeço ao ex-prefeito Arlindo filho por me receber em sua residência e falarmos sobre a vaquejada e sua importância para o município de Fortuna.

Agradeço ao seu Nivaldo por esclarecer as dúvidas sobre a vaquejada e também falar da sua experiência de ganhar um prêmio de vaquejada.

Agradeço a todos que contribuíram de alguma forma para que pudesse chegar até aqui. Gratidão a todos.

Vaquejada é mais que um esporte pro vaqueiro, é um estilo de vida.

Pra ser vaqueiro tem que ter muita disposição, porque a lida não é fácil, todo dia é uma labuta.

Sr Ivar Barbosa de Sousa

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo destacar a importância do reconhecimento da vaquejada como patrimônio cultural imaterial brasileiro, tendo em vista que essa atividade esportiva é praticada a mais de um século no nordeste brasileiro. A vaquejada originou-se da atividade que faz parte do ofício de vaqueiro cujo objetivo era recolher o gado, seleciona-los, marca-los e comercializa-los. Esse processo de captura dos animais exigia dos vaqueiros coragem e habilidade e os mais bem destacados passaram a ganhar prêmios em festivais que, inicialmente, aconteciam no pátio das fazendas dos coronéis, tendo como público sua família e seus empregados. No século XX, as vaquejadas ganharam espaço em todo o Nordeste, constituindo-se um patrimônio cultural da região.

Palavras Chave: Vaquejada; patrimônio cultural; ofício de vaqueiro.

ABSTRACT

The present text intends to highlight the importance of recognizing the *Vaquejada* as a Brazilian intangible cultural heritage, considering that this sport activity has been practiced for more than a century in the Brazilian northeast. The *Vaquejada* originated from the activity that is part of the cowboy craft whose objective was to collect cattle, select them, brand them and market them. This process of capturing the animals required courage and skill from the cowboys, and the most distinguished cowboys began to win prizes at festivals that, initially, took place in the courtyard of the *Coroneis's* farms, with their family and employees as an audience. In the 20th century, *Vaquejadas* gained space throughout the northeast, becoming a cultural heritage of the region.

Keywords: Vaquejada; Cultural Heritage; cowboy craft

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Bezerro amarrado para não atrapalhar o vaqueiro durante a ordenha.	25
Figura 2: Sr Ivar ordenhando a vaca em seu sítio	25
Figura 3: Sr Ivar ordenhando a vaca	26
Figura 4: Cocho feito de madeira	27
Figura 5: Cocho feito de tambor	27
Figura 6: Gado no saleiro da fazenda do Sr Ivar	27
Figura 7: Mostra o gado para a condução	28
Figura 8: Mostra o bezerro deitado no chão	28
Figura 9: Vaca que deu a luz	29
Figura 10: Cipó medindo 1,20 cm.	30
Figura 11: Primeiro passo para fazer um laço	30
Figura 12: Segundo passo para fazer um laço	31
Figura 13: Terceiro passo para fazer um laço	31
Figura 14: Quarto passo para fazer um laço	31
Figura 15: Quinto passo para fazer um laço	32
Figura 16: Sexto passo para fazer um laço	32
Figura 17: Sétimo passo para fazer um laço	32
Figura 18: Oitavo passo para fazer um laço.	33
Figura 19: Sr Ivar grampeando o arame	33
Figura 20: Fixando o arame no grampo	34
Figura 21: Fortuna no mapa	35
Figura 22: Local da antiga vaquejada	37
Figura 23: Logomarca do parque Lucindo Mendes de Sousa	39
Figura 24: Gildenor e suas filhas na pista de competição	39
Figura 25: Gildenor e suas filhas dentro do parque de vaquejada.	40
Figura 26: Duplas de vaqueiras compostas pelas filhas do Gildenor	46
Figura 27: Parque de vaquejada Lucindo Mendes	47
Figura 28: Cavalgada dos vaqueiros em Fortuna	48
Figura 29: Padre celebrando a missa dos vaqueiros	49

LISTA DE SIGLAS

CNRC	Centro Nacional de Referência Cultural
DAC	Departamento de Assuntos Culturais
DPHAN	Diretória do Patrimônio Histórico Artístico Nacional
ABCZ	Associação Brasileira dos Criadores de Zebu
ABC	Associação Brasileira de Criadores
ACNB	Associação dos Criadores de Nelore do Brasil
ABVAQ	Associação Brasileira de Vaquejada
INRC	Inventário Nacional das Referências Culturais
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional

SUMÁRIO

LISTA DE IMAGENS	10
LISTA DE SIGLAS	11
SUMÁRIO	12
INTRODUÇÃO	13
1 OS PATRIMÔNIOS E SEUS OFÍCIOS	15
2 A VAQUEJADA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL	19
2.2 História da pecuária e do ofício de vaqueiro no Brasil	20
3 A VAQUEJADA EM FORTUNA	36
3.1 História da tradição em Fortuna	37
3.2 O vaqueiro	42
3.3 A vaquejada	46
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
5 REFERÊNCIAS	53

INTRODUÇÃO

A vaquejada é umas das festividades culturais mais populares da região nordestina, fazendo parte da vida de milhares de pessoas. Neste trabalho estudaremos a trajetória da vaquejada, buscando compreender as referências originárias da tradição e quando ocorreram e como eram os primeiros festivais de vaquejada no país.

Tendo em vista a sua importância na história e na trajetória do povo nordestino, a vaquejada é um patrimônio que faz parte da identidade do sertanejo, tornando-se sinônimo de pertencimento. É notório que o seu reconhecimento como patrimônio cultural trará mais suporte e proteção para esse bem cultural.

Para demonstrar a importância do reconhecimento de um saber ou cultura como patrimônio cultural, citaremos o exemplo de alguns ofícios que foram reconhecidos pelo IPHAN e a relevância desse reconhecimento para os detentores daquele saber cultural e, dessa forma, como ele fortalece a continuidade e a preservação de sua cultura.

Durante o desenvolvimento desse trabalho, foram utilizadas fontes bibliográficas como artigos, decretos, monografias, livros e o site do IPHAN que têm informações sobre o patrimônio material e imaterial brasileiro. Usamos como referência Márcia Chuva, Regina Abreu, José Reginaldo Santos Gonçalves, entre outros. Foram feitas entrevistas, entre maio de 2022 e fevereiro de 2023, com os vaqueiros e donos de parques de vaquejada da cidade de Fortuna/MA, com o intuito de saber os detalhes dos eventos de vaquejada da cidade. Os entrevistados foram prestativos nas entrevistas, respondendo às perguntas com paciência e fornecendo muitas informações.

No primeiro capítulo, citamos exemplos de bens que foram reconhecidos como patrimônio cultural. O primeiro ofício que destacamos foi o das Paneleiras de Goiabeiras que se refere a um saber fazer painéis de barro na Grande Vitória, no Espírito Santo. O segundo ofício foi o das Baianas do Acarajé de Salvador na Bahia. Elas são responsáveis pela preparação da comida típica e conhecem seus modos de fazer. O terceiro foi o de Sineiro (Toque dos Sinos e o Ofício de Sineiro em Minas Gerais) cujos detentores carregam consigo habilidades adquiridas através da observação e treinamento para tocar os sinos com mensagens.

No segundo capítulo abordamos a vaquejada como patrimônio cultural. Discutimos como ela acontece, quando e onde surgiram os primeiros festivais e como eram realizados. Analisamos brevemente a trajetória da pecuária e do ofício de vaqueiro. Traçamos um pequeno histórico dos processos de introdução dos rebanhos no Brasil e a importância da carne na alimentação dos cativos da monocultura açucareira e

a produção na economia imperial. Abordamos o ofício de vaqueiro e sua lida com o gado, destacando de forma detalhada as tarefas designadas ao ofício.

No terceiro capítulo, apresentamos a cidade de Fortuna e a trajetória da vaquejada na região, a história dos primeiros festivais, destacando os parques. A partir das entrevistas, buscamos conhecer como ocorreram esses eventos. Descrevemos com detalhes as atividades do ofício de vaqueiro na lida com o gado, observando as mudanças do trabalho com a chegada da estiagem.

Por fim, esse trabalho buscou conhecer a história da vaquejada em Fortuna/MA, a importância desses festejos na cidade, o envolvimento da população com o festival, a devoção dos vaqueiros com os santos protetores e o sentimento de pertencimento da população com o bem cultural.

1 O PATRIMÔNIO CULTURAL E OS OFÍCIOS

Neste capítulo, faremos uma análise cronológica do termo patrimônio cultural, e da inclusão dos ofícios e bens intangíveis nesse conceito a partir dos anos 2000. Tendo em vista a importância desse tema para a sociedade, estudaremos os bens materiais e imateriais.

A palavra patrimônio é comum na nossa linguagem do dia-a-dia. É de origem latina e carrega consigo um leque de significados e expressões que podem ser atribuídos a ela. Pode ser definido como um conjunto de bens pertencentes a uma determinada pessoa, num âmbito jurídico, ou de relevância cultural e histórica de um povo, no âmbito coletivo. É importante ressaltar que esse conceito de patrimônio cultural passou por diversas transformações no tempo.

As civilizações europeias foram às pioneiras no que se refere ao reconhecimento e à preservação do patrimônio material, mas limitavam-se apenas às ruínas das civilizações clássicas, principalmente dos monumentos da Antiga Roma e Grécia. Mas foi depois da Revolução Francesa que houve uma mudança muito significativa em relação a preservação do patrimônio cultural. Segundo Abreu (2002):

Sob a Revolução Francesa, o conceito de patrimônio nacional irrompeu para responder a urgência de salvar da rapinagem e da destruição os imóveis e as obras de arte, antes pertencentes ao clero e à nobreza, que foram em propriedades do estado (ABREU, 2002, p. 50).

Portanto, em meio à Revolução surge a necessidade de preservar a cultura e a história, ou seja, o estado passou a ser responsável por essa preservação, o que deixou de ser apenas de cunho privado, do clero e da nobreza para passar uma política pública.

A ideia de preservação do patrimônio cultural começou a ser discutida mais intensamente no Brasil na década de 1930, mas a preservação do patrimônio imaterial só foi incorporada na agenda do Ministério da Cultura nos anos 2000. Mário de Andrade, um importante intelectual brasileiro, foi um pioneiro das discussões para a implementação de políticas públicas que visavam a preservação do patrimônio cultural. Em 1936, houve a elaboração de um projeto por Andrade a pedido do Ministro da Educação e Saúde que tinha como objetivo a preservação dos bens materiais e, então,

foi criado no ano seguinte, 1937, (SPHAN) Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Chuva, 2012).

Nas décadas de 1970 e 1980, os órgãos de proteção ao patrimônio retomaram as reuniões e os debates com o objetivo de colocar em vigor algumas propostas relacionadas à preservação dos bens imateriais. Diante desse contexto, no ano de 1975, foi criado o Centro Nacional de Referências Cultural (CNRC), instituição que visava a preservação, proteção e valorização dos bens simbólicos.

José Reginaldo Gonçalves afirma que o patrimônio é uma categoria de pensamento que não tem fronteiras, não se restringe apenas a um determinado grupo ou povo, é onipresente e de suma importância para vida social e mental de qualquer coletividade humana (GONÇALVES, 2003). O termo patrimônio cultural significa a preservação da cultura de um povo. É manter viva sua identidade, sua memória, suas origens – é manter o presente e transmitir para as gerações futuras bens culturais que são de valor inestimável para seus detentores. De acordo com Ferreira (2016), quando se fala de patrimônio, para além da origem jurídica do termo, o sentido evocado é o da permanência do passado, a necessidade de resguardar algo significativo no campo das identidades e evitar o desaparecimento.

A vaquejada faz parte da nossa cultura nordestina e do cotidiano maranhense. Está inserida na vida dos vaqueiros e seus familiares. É um evento anual, mas acontecem as festas menores semestralmente, chamadas de Bolão de Vaquejada, e reúne os vaqueiros de diversas regiões. A festa é compartilhada com as famílias e faz parte do imaginário das crianças. É um bem patrimonial e tem um valor histórico, identitário, social e econômico.

O conceito de patrimônio pode ser definido de acordo com sua natureza, que pode ser classificado em material e imaterial. O patrimônio material é o conjunto de bens culturais móveis e imóveis que, segundo o IPHAN pode ser “cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; ou móveis, como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos” (IPHAN, 2022).

A década de 1980 foi um marco na história da preservação do patrimônio imaterial a partir da inserção pela Constituinte do termo patrimônio imaterial na Constituição Federal. Como afirma Abreu (2002) referindo aos esforços de Mário de Andrade:

A principal herança desse período foi à introdução, na Constituição Federal, de um conceito mais largo de patrimônio, que incluiu os bens

de natureza material e imaterial “portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (ABREU, 2002, P. 55)”.

A Constituição Federal de 1988, artigo 216, ampliou o conceito de patrimônio estabelecido pelo Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937 (IPHAN). Nessa redefinição estão às formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver, as criações científicas, artísticas e tecnológicas, as obras, objetos, documentos, edificações e etc.

O conceito de patrimônio está associado há um sentimento de pertencimento social de um determinado grupo. A vaquejada é um ofício e ainda não foi registrada pelo IPHAN, mas outros ofícios já foram inscritos no Livro de Registro.

O primeiro a ser registrado foi o Ofício das Paneleiras de Goiabeiras. É uma atividade eminentemente feminina. As mulheres são responsáveis pela produção das panelas de barro, dominando essa técnica que é passada de geração para geração, de mulher para mulher. A atividade acontece no Bairro de Goiabeiras, em Vitória, no Espírito Santo.

Esse ofício foi registrado no Livro de Registro dos Saberes em 2002, passando assim a ser reconhecido como patrimônio cultural imaterial brasileiro. Desde o registro, a população do bairro de Goiabeiras aumentou, mas a comunidade continua a produzir as panelas. Além de manter vivo esse ofício peculiar daquele povo, contribui para a economia local, já que é fonte de renda para a comunidade.

As panelas são feitas manualmente, sua simetria, a qualidade do seu acabamento e sua eficiência como artefato devem-se às peculiaridades do barro utilizado e do conhecimento técnico e habilidades das paneleiras, praticantes desse saber há várias gerações (IPHAN, 2022). Portanto, a tradição desse saber garante às paneleiras de goiabeiras o reconhecimento do ofício como um bem cultural, o que dá mais suporte a essas mulheres para que haja uma continuação dessa cultura.

O segundo ofício foi o das baianas do acarajé. São pessoas responsáveis de preparar uma iguaria de um paladar altamente valorizado, uma comida típica e de sabor peculiar que até ficar pronta passa por um longo e árduo processo, recebendo esse nome devido ser uma comida prepara pelas “baianas do acarajé” na cidade de Salvador, estado da Bahia, mas por causa do seu gosto peculiar se expandiu por todo o Brasil.

O processo de patrimonialização desse ofício se deu pelo fato de que as baianas do acarajé são apenas cozinheiras, além de possuir o dom de cozinhar, carrega

consigo um valor muito significativo para esse povo é através da culinária que se transmite conhecimento, de valores e práticas peculiares daquela região, ou seja, suas praticas carregam consigo um valor social particular, isso devido ser um oficio particular, singular daquele povo que é transmitido de geração para geração, mulheres que vem transmitindo essa pratica pertencente ao seu povo, ao seu lugar, as outras mulheres dando assim continuidade a essa cultura, ou seja, é conjunto de saberes que vão continuar dando vida a essa bem cultural.

Dentre as comidas de baiana destaca-se o acarajé, bolinho de feijão fradinho preparado de maneira artesanal, na qual o feijão é moído em um pilão de pedra (pedra do acarajé), temperado e posteriormente frito no aceite de dendê fervente. Sua receita tem origem no Golfo do Benim, na África Ocidental, tendo sido trazida para o Brasil com a vinda de escravos dessa região (IPHAN, 2022).

O oficio das baianas do acarajé foi registrado como patrimônio cultural imaterial em 2004 pelo Instituto do Patrimônio Artístico Nacional (IPHAN) e foi registrado e incluído nos livros de saberes em 2005 passando assim a ser um bem cultural de natureza imaterial. O oficio se caracteriza como uma atividade predominante feminina. (IPHAN, 2022).

O Sineiro é responsável por tocar os sinos das igrejas, que tem como intuito anunciar as horas, festividades e celebrações peculiares de uma cidade, e até mesmo cortejos fúnebres. Entretanto, esse ofício carrega consigo características e habilidades que são adquiridas através da observação, do treinamento, uma vez que o Sineiro se encontra nesse meio desde a infância. Portanto, trata-se de uma referencia de identidade cultural de um povo e, por isso, demanda devoção e efetividade por parte do sineiro (Nicole Castilho, 2021).

O ofício de Sineiro foi inscrito no Livro de Registro dos Saberes, em 2009. Tendo como ambientação as cidades de São João Del Rei, Outro Preto, Mariana, Catas Altas, Congonhas do Campo, Diamantina, Sabará, Serro e Tiradentes, e em Minas Gérias, é uma prática tradicional, vinculada ao ato de tocas os sinos das igrejas católicas para anunciar rituais e celebrações religiosas, atos fúnebres e marcação das horas, entre outras comunicações de interesse coletivo (IPHAN, 2022).

2 A VAQUEJADA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL

A vaquejada é composta por disputas entre várias duplas de vaqueiros, que montados em seus cavalos, perseguem e tentam derrubar um boi. Cada vaqueiro tem uma função: um deles é o batedor de esteira, o esteira e o outro é o puxador. O puxador é aquele que derruba o boi e o esteira tem a função de pegar cauda do boi e entregar para o puxador. De acordo com Felipe Kennedy Leite Felix e Francisco Amaro Gomes de Alencar (2011) da Universidade Federal do Ceará as disputas são feitas da seguinte maneira: quando a porteira se abre o “esteira” pega a cauda do boi e entrega para o “puxador”, este dá um giro na cauda, puxa-a, derrubando o boi, que deverá cair na área demarcada por duas faixas, com as patas levantadas e sem tocar em nenhuma das faixas. Caso isso aconteça diz-se “valeu o boi” e os pontos são contados; caso contrário, a expressão é “zero”.

A vaquejada é praticada principalmente na região Nordeste em uma modalidade esportiva. É uma festa tradicional que reúne milhares de pessoas e, recentemente, foi considerada patrimônio cultural brasileiro. Segundo as palavras de Anita Mattes (2018), a vaquejada reflete uma das culturas “mais tradicional do ciclo do gado nordestino” remontando a uma manifestação associada a uma identidade cultural local daquela região.

A vaquejada teve grande ascensão, principalmente, a partir da década de 1990, devido a sua popularização. Doralice Sátyro Maia (2003) afirma que a vaquejada perde seu caráter de festa de vaqueiro e vai se tornando cada vez mais um evento de exibição nas grandes cidades, passando assim a ser considerada uma atividade esportiva no ano de 2001. Essas mudanças foram consolidadas pela Lei nº 10.220, de abril de 2001. Iniciou-se como uma diversão que fazia parte do trabalho dos vaqueiros, que tinham por tarefa caçar e recolher o gado que era criado solto na caatinga e no cerrado na época dos coronéis. Conforme afirma José Euzébio Fernandes Bezerra:

Na verdade, tudo começou aqui pelo Nordeste com o ciclo dos currais. É onde entraram as apartações. Os campos de criar não eram cercados. O gado, criado em vastos abertos, distanciava-se em busca de alimentação mais abundante nos fundos dos pastos. Para juntar o gado disperso pelas cerras, caatingas e tabuleiros, foi que surgiu a apartação (BEZERRA, 2007).

A partir dessas “pegas” de gado, as festas de apartações começaram a acontecer nos meses de reunião do rebanho, geralmente, em julho, época do final de chuvas. Isso acontecia porque as antigas fazendas (sesmarias) não eram delimitadas com cercas. No mês do festejo, o proprietário da fazenda reunia os vaqueiros para fazer a separação e a marcação do gado que em seguida seria comercializado. Eram realizados torneios e competições nessas festas de gado e o vaqueiro tinha que capturar o boi, que passou a ser derrubado pela cauda.

Os festejos se institucionalizaram e passaram a ter prêmios para a Vaqueirama, ou seja, para os conjuntos de vaqueiros que atuavam na festa. Os mais habilidosos ganhavam os prêmios. Como atividade esportiva, passou a ser vista como um negócio muito rentável. Ainda permanece como uma festa entre os vaqueiros, porém é também uma fonte de renda, constituindo-se como um ofício.

Como patrimônio cultural, exalta-se a vaquejada como uma etapa de trabalho dos vaqueiros, um ofício tradicional. Maia (2003) afirma que temos nessa época a figura do vaqueiro como profissional, pois é dessa atividade que ele tira o sustento para a sua família, que tinha como tarefa, caçar e juntar o rebanho, para tratar das feridas, marcar e etc. Em torno dessa atividade, vieram às festas de apartações, que consistia em juntar o rebanho para a venda, com provas que exigiam agilidade e coragem dos vaqueiros para entrar nas matas fechadas e buscar os animais.

2.1 História da pecuária e do ofício de vaqueiro no Brasil.

A criação de bovinos no Brasil coincide praticamente com a invasão dos portugueses, sendo que os primeiros rebanhos chegaram ainda no século XVI. A prática da pecuária foi de suma importância para o desenvolvimento econômico no início da colonização, voltando-se para a exportação e também para o abastecimento do mercado interno. Junto a essa atividade econômica, temos o trabalho do vaqueiro, responsável pelo manejo do gado.

Nelson Werneck Sodré em sua obra *Formação Histórica do Brasil* (1964) faz afirmações de que no Nordeste sertanejo geraram-se relações feudais no pastoreio, devido sua incompatibilidade com o trabalho escravo. O autor complementa dizendo:

Foi separação entre o pastoreio e pecuária e a agricultura, na área açucareira, que motivou o aparecimento, em primeiro lugar, de uma área em que o escravismo não encontraria vigência. Essa área do pastoreio sertanejo, que definiu as suas linhas ainda no século XVI. (SODRÉ, 1964, p. 125).

O autor não destaca os motivos que tornaram a pecuária incompatível com a escravidão e em que consistiam as relações feudais que teriam sido estabelecidas no sertão nordestino. Sodré também não menciona as fontes históricas que baseiam suas ideias a respeito da pecuária no período colonial. Em contraposição ao autor, há Jacob Gorender que, em seu livro *Escravidão Colonial* (2013), ressalta que não houve uma incompatibilidade da pecuária com a escravidão e que os vaqueiros eram os escravos negros na colônia, mas não se pode negar a presença de homens brancos, mulatos, índios entre os vaqueiros e seus auxiliares de currais. Para reforçar seu argumento destaca que na segunda metade do século XVII, Domingos Afonso Mafrense começa a adentrar e povoar o Piauí e que ali se instala uma pecuária escravista, baseada no escravo negro (GORENDER, 2013).

Embora a pecuária tenha tido papel significativo na subsistência da colônia, não se desenvolveu de forma muito expressiva, porque os olhos dos fazendeiros e sesmeiros estavam voltados para a exportação. Nessa perspectiva, Caio Prado Jr., em seu livro *História Econômica do Brasil* (2004), ressalta o papel da carne nas atividades de subsistência, mas também a sua importância na expansão territorial. Segundo ele,

Já sem contar o papel que representa na subsistência da colônia, bastaria à pecuária o que realizou na conquista do território para o Brasil a fim de colocá-la entre os mais importantes capítulos de nossa história. Excluída a estreita faixa que beira o mar e que pertence à agricultura, a área imensa que constitui hoje o país se divide, quanto aos fatores que determinam sua ocupação, entre a colheita florestal, no Extremo-Norte, a mineração no Centro-Sul, a pecuária, no resto (PRADO JR., 2004, p. 195).

Sergio Schlesinger (2010) corrobora a assertiva de Prado Jr. de que o gado bovino foi importante para a formação do território porque viria a ser a atividade econômica que desenharia os principais contornos da extensão territorial da colônia.

Manoel Silva dos Santos da Universidade Federal de Alagoas (2017) destaca que o cotidiano do vaqueiro era a atividade de cuidados com a criação de gado e as relações familiares. Os fazendeiros no geral moravam em cidades dedicando-se a outras atividades econômicas e políticas, portando o vaqueiro era o responsável pela fazenda dedicando assim a maior parte do seu tempo aos afazeres que seu ofício exige (SANTOS, 2017).

O Rafael Aubert de Araújo Barros (2011), professor da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) em seu artigo “A pecuária no desbravamento do sertão nordestino” corrobora com Santos dizendo:

O vaqueiro passa grande parte do seu tempo montado em seu cavalo percorrendo a fazenda, fiscalizando a fazenda, olhando as cercas. A tarde reúne o gado e separa os bezerros para que durmam presos, e ordenha as vacas pela manhã. (BARROS, 2011, p. 10).

A família do vaqueiro fica responsável pela fabricação de derivados do leite queijos e coalhada, eles também estão presentes nos serviços que a fazenda exige, como na reconstrução de cercas e currais, e com a lida com gado.

No início da colonização, a atividade da pecuária bovina foi primordial para o abastecimento dos centros urbanos, ou seja, essencial para alimentar o crescente contingente populacional, mas logo se expandiu para o sertão nordestino, onde o gado passou a ser criado solto em pastagens naturais.

Os primeiros bovinos foram introduzidos na capitania de São Vicente (São Paulo) em 1534, enviados de Portugal por Dona Ana Pimentel, esposa e procuradora de Martim Afonso de Sousa. Em 1535, Duarte Coelho introduziu os bovinos em Pernambuco; posteriormente outros donatários fizeram o mesmo (ADAS, 1938, p. 240).

Ainda no primeiro século da presença portuguesa, a atividade da pecuária foi colocada em segundo plano por decreto do Governador Tomé de Sousa que a afastou das regiões onde cultivava a cana-de-açúcar. Devido às inúmeras e recorrentes invasões das plantações por parte dos animais, causando enormes prejuízos, constatou-se uma incompatibilidade entre agricultura e pecuária na Zona da Mata colonial.

Vinicius Lima Verde Forte (2011) da Universidade Federal do Ceará (UFC), em sua dissertação de mestrado, destaca essa interiorização da pecuária. Afastada de onde

se cultivava a cana-de-açúcar, que era naquele momento o “mastro condutor econômico na região” (FORTE, 2011, p. 15), foi alocada em locais desfavoráveis ao estabelecimento de qualquer outro tipo de atividade agrícola (FORTE, 2011).

André José Antonil (2011) em seu livro *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas* descreve a atividade dos vaqueiros: guiam um rebanho que contam com cem, cento e cinquenta, trezentas cabeças de gado e completa dizendo: o vaqueiro indo na frente do rebanho conduzindo-os com seu aboio, e o gado os seguindo, outros vêm atrás tocando a boiada e tendo muito cuidado para que nenhum animal abandone o rebanho e fique para trás (JOSÉ ANTONIL, 2011). O aboio faz parte da cultura do vaqueiro, é um canto de trabalho que serve para tocar as boiadas durante a migração. As jornadas que conduzem a boiada são de cinco, seis léguas dependendo de onde vão encontrar pastagens, José Antonil (2011) destaca que com a falta d’água as viagens são de quinze a vinte léguas, marchando dia e noite.

Alguns fatores foram essenciais para que houvesse a introdução e, posteriormente, a expansão do gado bovino para o agreste, dentre eles: é uma área muito rica em pastagens naturais, um relevo que facilitava o deslocamento do rebanho e a disponibilidade de água no rio São Francisco. Além da comercialização do couro, o gado se tornou indispensável nos engenhos, colaborando com monocultura canavieira e sendo fonte de proteína para aqueles que tralhavam nas fazendas.

O professor da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), Jodenir Calixto Teixeira (2014), cita em seu artigo “A trajetória da pecuária brasileira” que as fazendas de gado após terem atingido o rio São Francisco ampliam sua área de ação e se expandem ainda mais para o interior. Na segunda metade do século XVII, começam a ser ocupados os campos do atual estado do Piauí. Vicente Eudes Lemos Alves (2003), Doutor em Geografia pela USP, corrobora dizendo que:

Essa ocupação se iniciou pela costa leste e sul do território, pelas margens dos rios Piauí, Canindé, Paraim e Gurguéia. Não demorou muito para a atividade criatória atingir também o Parnaíba, ultrapassando rapidamente para o lado ocidental de sua bacia, já em território maranhense. (ALVES, 2003, p. 4)

Portando, na colônia, a pecuária continuou expandindo e atinge seu apogeu no século XVIII, abastecendo os centros populacionais que cresciam desde o Maranhão até a Bahia.

A pecuária no sul do Brasil se desenvolveu significativamente, sendo uma região com vastos campos de pastagens naturais, ocupando assim um lugar de destaque na economia colonial e imperial, inclusive com a exportação de couro nos séculos XVIII e XIX. Medeiros Neto (1970) destaca que o comércio de charque foi o que beneficiou a atividade pecuária no Sul.

É importante ressaltar que algumas regiões do país se destacaram na criação do gado bovino após a expansão dos rebanhos, entre elas, o Rio Grande do Sul, o Triângulo Mineiro e a ilha de Marajó. No Triângulo Mineiro foi introduzido o gado indiano (zebu) que se adaptou muito bem na região, nascendo assim uma raça Indu-Brasil.

O farmacêutico Teófilo de Godoy, fazendeiro do município de Araguari – MG, foi o primeiro ir até a Índia no ano de 1898, com a finalidade de adquirir exemplares da raça zebu, iniciando uma nova era na história da pecuária brasileira (MEDRADO, 2013).

De acordo com Weiss (1956), Teófilo de Godoy trouxe oito exemplares, sendo seis touros e duas vacas, sendo vendidos para os fazendeiros de Uberaba. Godoy organizou mais duas expedições à Índia, para trazer uma quantidade maior de animais da raça zebu.

O gado zebu se expandiu pelo Brasil tornando-se a base do rebanho brasileiro. Com o avanço da ciência, houve um aperfeiçoamento da genética das raças por meio do cruzamento entre os exemplares trazidos, o que levou os rebanhos brasileiros a desenvolver certa rusticidade e resistência a doenças e parasitas.

O Brasil é uma referência na pecuária mundial e possui o primeiro maior rebanho do mundo. Grande parte dos bovinos zebuínos do Brasil é da raça nelore ou anelorados, que passaram por melhoramentos genéticos com o intuito de atingir resultados mais satisfatórios para a produção de carne e leite. A raça nelore é o maior rebanho bovino do Brasil, corresponde a 85% de todo o gado. Esse zebuíno se adaptou bem as regiões tropicais e é uma raça com bons índices produtivos (ABCZ, 2022).

O Brasil é um dos maiores produtores de carne bovina do mundo e nos últimos anos se tornou o maior exportador mundial, possuindo um rebanho de 244 milhões de cabeças. Produz 16,57% das 60.572 milhões de toneladas produzidas no mundo, tornando-se o segundo maior produtor de carne, superado apenas pelos Estados Unidos. (Embrapa, 2022). O Brasil bateu recorde em exportação de carne em 2022, os embarques de carne bovina chegaram a 932 mil toneladas, quanto à receita, a

exportação da proteína somou 6 bilhões e representa 6% do PIB (Produto Interno Bruto).

Ao longo da trajetória da pecuária no Brasil foram criadas associações com objetivo de dar suporte e reconhecimento aos criadores e demais profissionais da área, são locais onde estão em pauta as discussões de interesse do setor, entre elas podemos citar a Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), Associação Brasileira de Criadores (ABC), Associação dos Criadores de Nelore do Brasil (ACNB).

Para exercer a função de vaqueiro, é necessário ter o domínio de habilidades e conhecimentos sobre as diversas atividades exigidas na lida com o gado. O vaqueiro é responsável pelo cuidado da fazenda e todo o rebanho. As tarefas do ofício começam às 6:00h da manhã com a ordenha das vacas, exigindo do vaqueiro uma técnica de preparo do animal e sua cria para o processo.

Figura 1: Bezerro amarrado para não atrapalhar o vaqueiro durante a ordenha.



Fonte: Raimundo Gonçalves Chaves (2023)

Figura 2: Sr Ivar ordenhando a vaca em seu sítio.



Fonte: Raimundo Gonçalves Chaves (2023)

A figura 1 apresenta o bezerro amarrado e o vaqueiro ordenhando a vaca. O primeiro passo é laçar o animal pelo chifre e em seguida amarrar os pés dela, denominada o ato de piá, que tem como intuito evitar que ela se locomova e machuque o vaqueiro com um coice. É preciso também amarrar o bezerro, também conhecido como mijole, próximo da vaca, evitando que ele mame o leite e atrapalhe o vaqueiro.

Na figura 2, o Sr. Ivar Sousa Barbosa está ordenhando a vaca às 17:00h do dia 23 de fevereiro de 2022, em seu sítio na cidade de Fortuna. Em geral, o horário correto de tirar o leite das vacas é pela manhã, mas o Sr. Ivar disse que prefere executar essa tarefa no final da tarde.

Figura 3: Mostra o Sr Ivar ordenhando a vaca.



Fonte: Raimundo Gonçalves Chaves (2023).

Após concluir uma das primeiras tarefas do seu dia-a-dia, o vaqueiro reúne toda a boiada no saleiro para verificar se está tudo em ordem. O saleiro é o local onde o gado lambe o sal no cocho, que é geralmente feito por duas metades de tambores grandes de plástico e dispostas lado a lado. Outro cocho comum é feito de uma tora de madeira rachada ao meio com motosserra para dar um formato côncavo para de um cocho.

Figura 4: Cocho de madeira



Fonte: Raimundo Gonçalves Chaves (2023).

Figura 5: Cocho feito de tambor.



Fonte: Raimundo Gonçalves Chaves (2023). Data: 23 de fevereiro de 2023 em Fortuna/MA.

Figura 6: Gado no saleiro da fazenda do Sr Ivar.



Fonte: Raimundo Gonçalves Chaves (2023). Data: 25 de fevereiro em Fortuna/MA.

Geralmente, os problemas mais recorrentes do rebanho são as miíases (bicheira) nos umbigos dos “mijoles” (bezerros)¹. Outro inconveniente é muito comum são as feridas no pescoço dos animais, adquiridas pelo contato com os arames farpados das cercas. E caso seja verificado que algum animal apresenta feridas com miíase, é necessário levá-los para o curral para tratar dos ferimentos. Se há algum sintoma de outro problema de saúde, é chamado o veterinário para curar o gado.

Figura 7: Mostra a condução do gado para o curral.



Fonte: Raimundo Gonçalves Chaves (2023).

Figura 8: Mostra o bezerro deitado no chão.

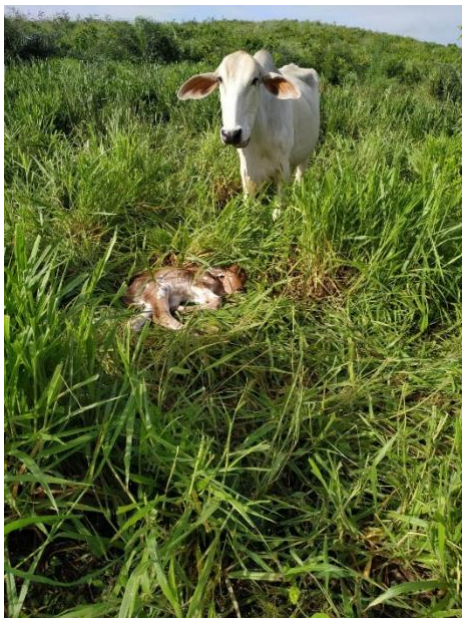


Fonte: Raimundo Gonçalves Chaves (2023). Mostra o bezerro deitado no chão cuja ferida no umbigo com miíase está prestes para ser curada. Data: 25 de fevereiro de 2023.

¹ Os bezerros recém nascidos são chamados de mijolos, embora essa palavra não seja escrita dessa forma, esse é o termo usado para descreve-los os bezerros na lida do gado.

O vaqueiro precisa também ficar atento às vacas que estão prestes a parir porque algumas delas podem apresentar problemas na hora do parto e é necessária a ajuda humana no processo.

Figura 9: Vaca que deu a luz.



Fonte: Raimundo Gonçalves Chaves (2023). Foto tirada no dia 27 de fevereiro de 2023 em Fortuna.

Na condução do gado para o curral, o vaqueiro conta com o auxílio de um cavalo, mas na fazenda do Sr. Ivar, ele não usa o cavalo no manejo da boiada, portando, a condução do gado é feita a pé com a ajuda de uma ou duas pessoas, há também o uso de motos e triciclo na condução dos animais. O Sr. Ivar relatou que não costuma usar o cavalo no manejo do seu gado porque seu rebanho é manso o que facilita o trabalho.

O vaqueiro costuma usar também um cipó ou uma pequena vara para para tanjer (conduzir) o gado para um determinado local e a fala tradicional do vaqueiro que conduz o gado, denominada aboio, é: *Ê boi, ê boi, vai boi, vem, vem*. Vale ressaltar que o gado correponde melhor ao aboio do vaqueiro ou de alguém que rotineiramente esteja acostumado.

Figura 10: Cipó medindo 1,20m de comprimento.



Fonte: Raimundo Gonçalves Chaves (2023).

É muito comum a vaca que deu à luz esconder o mijolo, o vaqueiro, então, precisa procura-lo para certificar a saúde do bezerro.

Às vezes, na procura pelo mijolo, o vaqueiro não está carregando uma corda já com o laço, então, é necessário que ele faça um laço de urgência para amarrar o animal.

Figura 11: Primeiro passo para fazer um laço.



Fonte: Raimundo Gonçalves Chaves (2023).

Para dar o laço, pegue uma corda medindo 4 metros, segure uma das pontas e dobre cerca de meio metro, conforme a figura 11.

Figura 12: Segundo passo.



Fonte: Raimundo Gonçalves Chaves (2023).

No segundo passo, segure a ponta que foi dobrada e coloque-a atravessando por cima da corda, passando cerca de 30cm, conforme a figura 12.

Figura 13: Terceiro passo.



Fonte: Raimundo Gonçalves Chaves (2023).

Logo em seguida passe a ponta por baixo, lembrando de deixar um espaço para a concretização do próximo passo.

Figura 14: Quarto passo: dobre a cor.



Fonte: Raimundo Gonçalves Chaves (2023).

Após dar à volta com a ponta por baixo, volte com a ponta por cima e coloque-a dentro do buraco deixado anteriormente.

Figura 15: Quinto passo.



Fonte: Raimundo Gonçalves Chaves (2023).

Puxe a ponta da corda e coloque dentro do espaço deixado anteriormente formando a argola do laço, puxe com força para firmar o nó, preste atenção para deixar um pedaço da ponta da corda sobrando.

Figura 16: Sexto passo.



Fonte: Raimundo Gonçalves Chaves (2023).

Após firmar o nó da argola, pegue o pedaço da ponta da corda que sobrou e passe novamente por baixo.

Figura 17: Sétimo passo.



Fonte: Raimundo Gonçalves Chaves (2023).

Em seguida volte com a corda por cima da argola já forma e coloque a ponta dentro do espaço deixado anteriormente e puxe com bastante força para firmar o nó.

Figura 18: Oitavo passo.



Fonte: Raimundo Gonçalves Chaves (2023).

Coloque a ponta da corda dentro da argola e, então, o laço está formado. O laço é uma ferramenta de trabalho indispensável durante o manejo do gado, ajuda na captura

dos bovinos, é essencial durante a ordenha da vaca, na mobilização de um animal para cura-lo de algum ferimento. É um dos saberes associados ao ofício.

Outra tarefa que também faz parte da rotina do vaqueiro é a vistoria das cercas, muitas vezes algum arame quebra ou uma tora (madeira) enfraquecida pelo tempo, possibilitando a entrada e saída dos animais para outras áreas.

Figura 19: Sr Ivar grampeando o arame farpado. .



Fonte: Raimundo Gonçalves Chaves (2023).

Para colocar o grampo no arame, é preciso se curvar um pouco, apoiar o grampo, dar uma leve batida com o martelo no ferro para que ele entre um pouco na madeira, em seguida, as próximas marteladas devem ser com força para fixar o grampo.

Figura 20: Fixando o grampo no arame farpado.



Fonte: Raimundo Gonçalves Chaves (2023).

O vaqueiro também é responsável pelo roço das juquiras² das pastagens e também pela colocação de veneno no mato das pastagens, porém alguns vaqueiros optam por não usar o veneno por receio ou desconforto do manuseio do produto químico.

A vaquejada surgiu de uma atividade que faz parte do ofício do vaqueiro e que tinha como objetivo recolher o gado para ferra-los e comercializa-los. Portanto, é uma tradição que se mantém ativa até os dias de hoje em função do mercado pecuarista.

² Vegetação de porte baixo ou mato que nasce predominantemente em áreas de pastagens. É preciso roçar a juquira pelo menos duas vezes por ano, antes que o pasto seja tomado pelo mato.

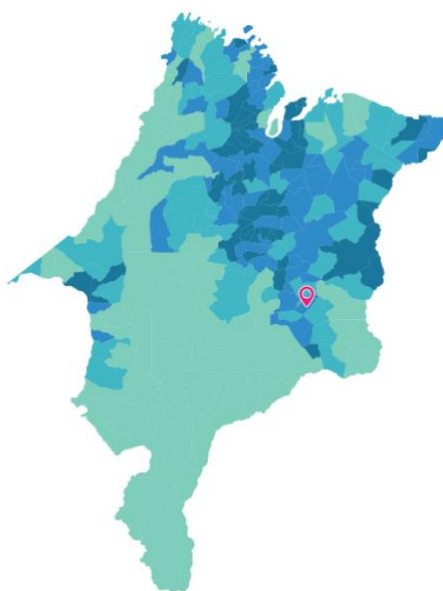
3. A VAQUEJADA EM FORTUNA

O município de Fortuna encontra-se na mesorregião centro maranhense. É parte da Amazônia Legal. Fica situado na microrregião de Presidente Dutra, às margens do Rio Itapecuru a 420 Km de São Luís, capital do Estado, interligado pelas rodovias MA-362, BR-135 e BR-316.

O município faz limite ao Norte com São Domingos do Maranhão e Governador Luís Rocha, ao Sul com Jatobá e Buriti Bravo, ao Leste com Parnarama e Governador Eugenio Barros e ao Oeste com Jatobá e São Domingos do Maranhão.

De acordo o IBGE (2010), contabilizava 15.098 habitantes, com estimativa de 17.812 para 2021. Fortuna ocupa o 95º lugar em população em relação aos 217 municípios maranhenses, sendo considerada uma cidade pequena.

Figura 21: Fortuna no mapa



Fonte: IBGE

No que se refere à religião, possui fiéis de todas as crenças, entre elas estão os católicos, evangélicos, e há também a presença das religiões matrizes-africanas que são a Umbanda, do Candomblé, Terecô. Os católicos compõe a maior parte dos devotos, ou seja, a presença do catolicismo é muito forte no município, tendo como Padroeira Nossa Senhora de Lourdes que é festejada entre 07 e 16 de julho, quando são realizadas novenas, missas, procissões e várias outras celebrações no festejo da santa. Outro santo festejado é São Sebastião, cujas festividades acontecem entre 11 e 20 de Janeiro de cada ano, as missas são celebradas nas igrejas da sede e também na zona rural do município.

3.1 História da tradição em Fortuna.

A colonização do território do sertão maranhense teve início na primeira metade do século de XVII, após a ocupação do litoral. Cesar Marques descreve em seu Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão, que na segunda década do século XVII, Domingos Afonso Sertão e Domingos Jorge, vindos do sertão da Bahia, estabeleceram as primeiras povoações na região de Pastos Bons, fundando grandes fazendas de gado.

Vários fatores contribuíram para que a pecuária prosperasse na região de Pastos Bons,³ entre eles está o fato de ser um terreno pouco acidentado, a presença de grande quantidade de água disponível nos rios e a abundância de pastagens naturais. As terras que hoje pertencem ao município de Fortuna compunham a grande região de Pastos Bons no período colonial e, no Império, faziam parte do município de Passagem Franca, porém só foram realmente colonizadas no final do século XIX. Há poucos registros das propriedades na região e o mais antigo data do final dos oitocentos. Fortuna pertenceu ao Coronel Joaquim Francisco de Carvalho, rico fazendeiro da região de Passagem Franca, que em 1890, passou suas terras para sua filha Germana Corina Carvalho Guimarães, esposa do Joaquim Leite Guimarães.

O coronel Joaquim Francisco de Carvalho tinha forte influência na corte. O jornal o Publicador Maranhense de 22 de janeiro de 1856, dedica um paragrafo da parte oficial do jornal da província para noticiar seu novo cargo: O presidente da província atendendo a proposta do Dr. chefe de polícia resolve nomear a Joaquim Francisco de Carvalho para primeiro suplente do delegado de policia de Passagem Franca. E também foi nomeado capitão da guarda nacional.

Frazão (1987) narra o mito fundador da cidade. Segundo ele, no final do século XIX, um grupo de caçadores do povoado Almeida Del Rei⁴ estava à procura de caça nas florestas da margem esquerda do Rio Itapecuru e nesse contexto descobriram uma lagoa que deram-lhe o nome de Lagoa de Fortuna. Seu nome está associado à abundância da fauna e da flora que encontraram e, na narrativa do memorialista, impressionados com aquela paisagem exclamaram: “Que Fortuna de Lugar!”.

³ História de Pastos Bons: Pernambuco e baianos, transpondo o rio Parnaíba, fundaram uma vila à qual deram o nome de pastos bons. Os primeiros povoadores chegaram por volta de 1764. Eram criadores de gado que situaram fazendas em toda a região, desde São José de Matões, ao norte, até as cabeceiras do Paratinga e do Parnaíba, ao Sul. Após o povoamento de alto sertão, somente o ponto inicial das entradas continuou sendo chamado de pastos bons.

⁴ História do povoado de Almeida Del Rei (um parágrafo)

O território que hoje é o município de Fortuna pertenceu a Vila de Picos, que em 1908 foi convertida em cidade, recebendo o nome de Conceição dos Picos, posteriormente, em 1943, recebeu o atual nome de Colinas. Em 1953, o povoado foi elevado à categoria de vila, passando a ser distrito de Colinas. Somente em 31 de dezembro de 1959, a partir da Lei n.º 1992 Fortuna foi elevada à categoria de cidade, porém, apenas em 18 de janeiro de 1962, o município foi definitivamente emancipado com a posse do prefeito interino, Sr. Alberto Borges da Silva.

Maria Novata e seu esposo Antônio Martins de Sousa foram uns dos primeiros moradores a chegar à Fortuna por volta de 1915, o casal passou a se dedicar principalmente à lavoura e possuíam um pequeno rebanho de bovinos que servia para alimentar a família e que não ultrapassava cinco cabeças.

O casal teve apenas um filho chamado Mariano Martins de Sousa, que por sua vez casou-se com Maria Jovita e tiveram seis filhos chamados, Antônio, Pedro, Francisco, Raimundo, Sebastiana e Alzira. Dona Gesina Borges de Sousa, de 84 anos, viúva de Raimundo Martins, menciona em entrevista que: Era muito difícil criar gado, os que tinham eram três a cinco vaquinhas que servia pra tirar um leite. As onças matavam as os bois, porque aqui tudo era mata virgem, tinha muita onça e também dava muito trabalho, tinha que cerca o local aonde o gadinho ia ficar.

Dona Gesina relatou que o único dos filhos de Mariano Martins que seguiu no ramo da pecuária foi o seu cunhado Antônio Martins, conhecido como Chico Martins, começou com um rebanho muito pequeno, com isso foi cercando terras, e foi trabalhando e comprando mais e mais terras, e seu rebanho aumentando. Dona Gesina e seu esposo Raimundo Martins, também tinham gado, mais eram no máximo cinco vacas, ela menciona que era só pra tirar leite e vender em um momento de necessidade.

Atualmente, a pecuária no município é uma atividade rentável e movimenta a economia local, gerando emprego para muitas famílias. A principal fazenda de gado era a Fazenda Calumbi Agropecuária do Dr. Alexandre Júlio de Albuquerque Maranhão, onde criava-se gado de corte, porém ele vendeu a propriedade nos anos 2000. Os atuais proprietários substituíram a pecuária por plantações de milho e soja.

A Fazenda Calumbi é muito extensa e ainda é importante para a economia do município, mas a pecuária ainda é a principal atividade em Fortuna, composta por diversos pequenos e médios pecuaristas que contribuem para a economia local com seus rebanhos com cerca de 30 a 100 cabeças de gado bovino e caprino.

Como há uma grande divisão de terras no município e muitas propriedades pequenas, há também a difusão do conhecimento do ofício de vaqueiro, o que dá para a cidade a tradição da vaquejada, como um importante patrimônio cultural local. A Primeira Festa de Vaquejada institucionalizada em Fortuna ocorreu em maio do ano de 1993, no primeiro mandato do Ex-Prefeito Onofre Alves Barbosa (1993-1996), no Parque de Vaquejada Santo Onofre. O festejo trouxe vaqueiros de todas as cidades vizinhas e a população fortunense compareceu em peso para prestigiar a festa. Na mesma década, o parque perdeu o seu *glamour* e foi se arruinando por falta de cuidado do proprietário. Com isso, no ano de 2001, o terreno foi convertido em um loteamento para a doação para a população carente.

Hoje o local é conhecido como “Pé de Caju” porque ali havia um enorme cajueiro, mas ainda é muito conhecido como Antiga Vaquejada. A Sra. Ana Gomes de Moura, de 85 anos, moradora do local, ressalta que “era uma festa muito boa, vinham pessoas dos interiores curtir a festa, ver os vaqueiros correndo, todos aproveitavam para dançar forró, conversar, curtir” (MOURA, 2022). Dona Ana diz que chegou a ir várias vezes nesse parque para prestigiar a vaquejada.

Figura 22: Local da Antiga Vaquejada



O Sr. Francisco das Chagas Barbosa de Oliveira, de 50 anos de idade, relata que, em 1993, com 21 anos, frequentou as festas que ocorriam ali. “Era uma festa muito grandiosa, foi a primeira vaquejada da cidade, vinham pessoas de todas as idades com o intuito de se divertir”, e relatou que aproveitou a vaquejada para vender bebidas com seus pais na época.

O segundo parque de vaquejada em Fortuna é de propriedade do senhor Gildenor Gomes de Sousa, de 48 anos, vereador do município. O parque Lucindo Mendes de Sousa foi inaugurado em 2000 e seu nome é uma homenagem ao pai do proprietário.

Figura 23: Logomarca do parque de vaquejada



Fonte: Gildenor Gomes de Sousa (2008).

O empreendimento tem uma logomarca (ver imagem 3) que era estampada nas roupas e bonés dos vaqueiros.

Figura 24: Gildenor e suas filhas no Parque de Vaquejada.



Fonte: Gildenor Gomes de Sousa (2000).

A imagem 4 mostra o Sr. Gildenor no centro da pista de corrida dos vaqueiros com suas filhas no Parque Lucindo Mendes de Sousa.

Figura 25: Gildenor (puxador) e sua filha (batedor de esteira) derrubando o boi na competição. (2000).



Fonte: Gildenor Gomes de Sousa (2000).

Na figura 5, o Sr. Gildenor e sua filha Gilmara participam da competição, no momento da derrubada do boi entre as faixas. Ele é o puxador e ela a bate-esteira. Ela deve pegar a cauda do boi, que é uma cauda artificial para evitar o sofrimento do animal, e entregar para o puxador, que vai puxar o rabo do boi para derrubá-lo.

Imagem 26: Duplas de vaqueiras compostas pelas filhas do Sr: Gildenor.



Fonte: Gildenor Gomes de Sousa (2000)

Na figura 6, as duas filhas do proprietário do parque se preparam para a corrida para alcançar o boi.

No dia 04 de abril de 2016 foi aprovada a Lei Municipal nº 007/2016, que regulamenta a Vaquejada com prática Desportiva e Cultural de Fortuna e dá outras providências. O senhor Gildenor Gomes de Sousa foi o vereador autor dessa lei e

mencionou que o principal objetivo era fortalecer a atividade no município. O texto legal define a vaquejada, considera a natureza competitiva do evento e obriga os organizadores a adotar medidas de proteção à saúde e à integridade física do público, dos vaqueiros e dos animais. Prevê também punição aos vaqueiros que venha ferir ou maltratar os bois.

Naquele período, um juiz da cidade de Passagem Franca – MA proibiu, naquele município, a vaquejada por um período de cinco anos alegando que havia maus tratos de animais nas festas. Em entrevista para nossa pesquisa, o Sr. Gildenor evidenciou que:

Nós que somos amantes da vaquejada sabemos que não maltratamos os animais, pelo contrário, temos um amor pelos animais e pelo esporte, e inclusive na lei de minha autoria está lá dizendo, garantindo que todos os vaqueiros devem ser zelar pelo bem estar do animal e o que for pego maltratando algum cavalo, boi deve ser automaticamente eliminado da competição, não toleramos nenhuma forma de desrespeito aos animais. (SOUSA, 2022)

O ex-prefeito Sr. Arlindo Barbosa dos Santos Filho, em entrevista, afirmou que é um amante da vaquejada, não tolera nenhum tipo de maus tratos aos animais e que a lei municipal além de fortalecer a vaquejada no município também garante o bem estar dos bois (SANTOS FILHO, 2022).

3.2 O Vaqueiro.

Já falamos do processo de desenvolvimento e expansão da pecuária para o interior do sertão nordestino após o seu afastamento do litoral devido a sua incompatibilidade com a monocultura da cana de açúcar. Agora iremos falar do ofício de vaqueiro.

O ofício de vaqueiro é umas das profissões mais conhecidas do sertão nordestino e se tornou sinônimo de coragem e determinação. A lida com o gado não é fácil. Farias (2014) afirma que o trabalho do vaqueiro é muito árduo e, portanto, exige muita dedicação e tempo. Como o vaqueiro desenvolve diversas atividades na fazenda, não existe uma rotina fixa, além disso, há os contratemplos do manejo do rebanho.

Euclides da Cunha em seu livro “*Os Sertões*” reforça esse argumento quando se refere ao sertanejo nordestino. O vaqueiro fez-se homem sem ter sido criança. Enfrentando as adversidades do sertão, principalmente a seca. (Cunha, 1907, p. 72).

Quem trabalha com o gado sabe que é necessário acordar muito cedo. Em geral, o vaqueiro ao nascer do dia toma seu café reforçado e sai pra campear o gado. A primeira tarefa costuma ser ordenhar as vacas. Washington Queiroz (2010) corrobora com isso dizendo que:

Ele costuma sair para campear o gado e realizar suas atividades que podem ser desde a retirada do leite, a condução de um boiada, ou a ferra das novas crias, dentre muitas outras, como processar a cura de animais ou mesmo ajudar a vaca a ter uma cria, deslocar a criação em busca de água nos muitos períodos de seca ou, ainda fazer o curtimento do couro, consertos dos seus equipamentos, construções de cercas, currais e etc. (Queiroz, 2010, p. 42).

O senhor João Gomes de Moura, de 84 anos, trabalhou durante 18 anos na Fazenda Calumbi e nos relatou como era sua rotina como vaqueiro:

Meu filho, a vida de quem trabalha com gado não é fácil, eu trabalhei feito um escravo naquela fazenda, de tanto carregar ‘touro’ (madeira de fazer cerca) fiquei com problemas na coluna, limpei muito pé de cerca, rocei muito mato no sol quente, e ainda tinha que dar conta do rebanho e ficar bastante atento nas vacas que estavam para parir tem que levantar ainda de madrugada. Olha, meu filho, labutar com gado é muito bom, pra gente que gosta de estar no meio da boiada é bom demais, mas é muito sofrido, a minha sorte é que eu tinha minha carteira assinada [parênteses nossos] (MOURA, 2022).

O senhor João Gomes evidencia a disciplina e a dedicação exigida no trabalho, afirmativa corroborada por Capistrano de Abreu em sua obra “*Capítulos de Historia Colonial*”:

Para cumprir seu ofício bem com seu ofício de vaqueiro, as madrugadas não o acham em casa, especialmente no inverno sem atender as maiores chuvas e trovoadas, porque nessa ocasião costuma nascer a maior paste dos bezerros e pode nas malhas observar o gado

antes de espalhar-se ao romper do dia, como costumam, marcar as vacas que estão mais próximas a ser a mais e trazel-as quasi com à vista, para que parindo não escondas os filhos de forma que fiquem bravos ou morram de varejeiras (ABREU, 1907, p. 128).

A atenção aos animais e o trabalho intenso é uma recorrência no conceito de vaqueiro. Vinicius da Silva Lima Forte (2011) menciona a rotina do vaqueiro em meio à expansão da pecuária do sertão, citando como referencia Capistrano de Abreu;

Nas fazendas criadas para a prática da pecuária, destacava-se a figura do vaqueiro. Ele geralmente era um mameluco, encarregado de lidar com os animais, alimentando-os e transportando-os, pastoreando-os, tangendo-os e transportando-os ao destino final ao longo de viagens por entre paisagens secas. (FORTE, 2011, p. 32).

O vaqueiro se desenvolve em meio a esse cenário cheio de diversidades, seu trabalho é árduo e exige dedicado e tempo. E justamente no período de longas estiagens, ou seja, secas prolongas, é que o vaqueiro tem a carga de trabalho redobrado, enfrentando o seu maior dilema.

É nesse período que o gado precisa ser guiado para locais onde se encontra água e comida, viagens que se tornam cansativas, muitos animais por estarem debilitados, ou seja, fracos por falta de alimentos ficam para trás dificultando mais ainda o trabalho do vaqueiro. Nesse contexto, o vaqueiro tem o cavalo como sua principal montaria.

Caio Prado Jr em seu livro *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942) menciona como é a forma de pagamento pelo trabalho do vaqueiro. Aquele, que dirige todos os serviços da fazenda, é remunerado com o próprio produto dela, uma quarta parte das crias. (PRADO JR, 1942). Vale ressaltar que nessa forma de pagamento há uma forma de exploração por parte do patrão. Tendo em vista que o vaqueiro não recebe um salário, ou seja, não tem nenhum direito trabalhista, férias ou algo do tipo, o contrato é apenas a palavra do vaqueiro e patrão, nada formal.

Euclides da Cunha descreve detalhadamente esse “contrato” firmado entre empregado (vaqueiro) e (patrão) em seu livro intitulado *Os Sertões*: “De quatro em quatro bezerros, porém, separa um para si. É a sua paga. Estabelece com o patrão o estanho contrato, sem juízes e sem testemunhas” (Euclides da Cunha, 1902, P. 73).

A atividade do vaqueiro está associada à saúde do rebanho. Teixeira (1991) ressalta a ausência da medicina veterinária e, em função disso, era necessário o domínio de técnicas que curavam as “mazelas”, feridas dos animais ocasionadas pela lida nos campos:

Na existência de medicações laboratoriais, os vaqueiros a partir de seus conhecimentos práticos, ministravam medicamentos caseiros. Enquanto agentes detentores de saberes peculiares inerentes à profissão, utilizavam as mais diversas substâncias naturais para tratar das doenças do gado (TEIXEIRA, 1991, P, 07).

Emanuel Dias Menenez, conhecido como Paizinho, de 79 anos de idade, também compartilhou sua experiência como vaqueiro em entrevista para esta pesquisa.

Eu trabalhei muito tempo como vaqueiro e ainda hoje gosto de estar no meio da boiada, é bom demais trabalhar com gado, sempre gostou, desde moleque, já cresci nesse meio. Só que o vaqueiro tem que ser duro, se for cabra fraco não aguenta não, vaqueiro trabalha igual burro, não tem negócio de ficar doente não, tem que ir olhar a vacada, curar os bezerros, concertar as cercas que estão quebradas. (MENEZES, 2022).

Diante da labuta diária que o vaqueiro enfrenta e juntamente com as adversidades que o clima e a vegetação da caatinga impõem, houve a necessidade de criar acessórios para a proteção dos vaqueiros, entre eles, está o gibão de couro, um símbolo no sertão nordestino, Farias (2014) reforça dizendo que o couro, juntamente com o vaqueiro, tornou-se tradição nordestina, ambos sempre juntos, unidos pela tradição familiar (FARIAS, 2014, P. 23).

A vestimenta do vaqueiro é composta por diversos instrumentos que são usados na sua luta diária com a boiada, Washington Queiroz (2010) descreve alguns desses instrumentos:

Nessa luta, além de ser necessário dispor da sua veste característica, chapéu, gibão, peitoral, luvas, perneira e sapato, precisa também do ferrão, facão, um taca, serrote e, muitas vezes, punhal, bem como um cavalo preparado e devidamente protegido e armado com seus arreios:

sela peitoral, cabresto, cabeçada, bride (freio), estribos, chicotes e esporas (Queiroz, 2010, P. 43).

Observa-se que o vaqueiro teve que se adequar ao ambiente de trabalho e com auxílios de instrumentos buscaram amenizar os impactos que a lida impõe. Diante desse contexto, a roupa de couro passou a ser indispensável na proteção contra galhos secos e espinhos do mato evitando assim que os vaqueiros se machucassem tanto na labuta com a boiada. Santos filho (1956) complementa dizendo que diante da bravura da vegetação árida dos sertões, houve a necessidade que esses sujeitos se adaptassem ao trabalho no campo, o que do gibão de couro um acessório indispensável e característico dos vaqueiros.

3.3 A Vaquejada.

No desenvolvimento econômico do Nordeste Brasileiro o litoral nordestino, a zona da mata e parte do agreste foi destinada ao plantio de cana de açúcar, enquanto a pecuária foi destinada a região do sertão, ou seja, a criação de gado. Devido às grandes extensões de terra, o gado era criado solto na caatinga.

As festas de apartações aconteciam na época de selecionar o gado para ferrar e comercializar, uma prática que consistia em juntar os bois. Santos (2017) ressalta as dificuldades do ofício e de se recolher o rebanho diariamente. Observa que alguns animais se reproduziam nos campos e seus bezerros tornavam-se selvagens, com pouco contato com os seres humanos, o que era mais um fator para dificultar o trabalho do vaqueiro.⁵ Nesse sentido, capturar os animais e trazê-los para a sede da fazenda exigia muita habilidade e coragem. A vaquejada é fruto dessa atividade e, portanto, traz uma relação com a reunião dos rebanhos nas festas de apartações. Furtado (1987) corrobora dizendo que diante desse contexto a vaquejada está atrelada ao festejo das apartações, que acontece desde o século XIX. Essas festas que tinham objetivo recolher os animais e alguns vaqueiros se destacavam por sua bravura e habilidade. Nesse contexto, surge a vaquejada, era uma forma dos vaqueiros demonstrarem sua habilidade e valentia com o gado em competições que, inicialmente eram assistidas somente pelos fazendeiros, mas logo foram abertas ao público.

⁵ Os bezerros nascidos nos campos mantinham pouco contato com os seres humanos, por isso se tornavam bravos, ariscos, chegada à época de recolher o gado para ferrar e comercializar era necessário trazer todo o rebanho a sede da fazenda, dificultando o trabalho do vaqueiro.

A Vaquejada é uma prática cultural que iniciou na região Nordeste principalmente nos estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Alagoas, mas hoje é praticada em todo o país. Segundo a Associação Brasileira de Vaquejada (ABVAQ, 2022), apesar da cidade de Currais Novos no Rio Grande do Norte ser apontada como o lugar que deu início à prática, o primeiro registro de vaquejada aconteceu na cidade de Morada Nova no Ceará no final do século XIX.

Em 1810, ainda não existia a vaquejada, mas havia uma atividade parecida que era praticada em Portugal e na Espanha e que chegou ao Brasil pelos colonizadores: era a derrubada de varão de ferro, onde o peão usava uma vara para pegar o boi. Santos (2017) e Câmara Cascudo (1986) afirmam que a vaquejada tradicional, que consiste em derrubar o boi pelo rabo, é puramente nordestina.

Fenando Roberto Moraes Filho, da Universidade Federal da Paraíba, destaca que as vaquejadas já eram praticadas desde o século XVIII, embora o primeiro registro data do final do século de XIX. A ABVAQ destaca as etapas da evolução da vaquejada. De 1880 a 1910, eram pequenas festas nas fazendas, tendo como público apenas os fazendeiros; de 1920 a 1950, as festas de vaquejada começam a existir com as corridas de pé-de-mourão e, nas décadas de 1970 e 1980, começam as primeiras vaquejadas da pista de seis metros, que coincidem com as de hoje. Houve uma evolução da vaquejada, antes o que era uma celebração do ofício de vaqueiro perante os fazendeiros, passou a ser um enorme festejo, com regras para os vaqueiros e com a presença de milhares de pessoas. Os eventos de vaquejada hoje movimentam milhões de reais com a sua organização que envolve entre outras coisas a contratação de bandas musicais, veterinários para os animais e médicos para os vaqueiros, vendas de comida em barraquinhas e jogos e brinquedos para crianças em pequenos parques, etc.

De acordo com Leite (2021), a vaquejada ocorre da seguinte maneira:

Os vaqueiros competem em duplas, um deles, denominado batedor de esteira, irá levar o boi para o outro, denominado puxador. Quando os vaqueiros se aproximam um do outro, o boi ficará emparelhado até que seja derrubado, puxando-o pelo rabo, dentro das duas faixas de cal. (LEITE, 2021, P. 9).

De acordo com o regulamento de classes de vaqueiros e vaquejadas, os competidores são classificados em quatro categorias: o aspirante, o amador, o intermediário e o profissional, além ter a categoria feminina e a mirim (ABVAQ, 2022).

Os parques de vaquejada seguem um modelo padrão que é determinado pela ABVAQ. O Sr. Gildenor Sousa explicou de forma técnica como deve ser a pista do local que ocorre a competição:

O ideal é que a pista do parque da vaquejada tenha 150 a 160 metros, mas às vezes depende do terreno, porque tem vaquejada que é menor devido o terreno ser pequeno, o meu parque, por exemplo, tem 160 metros, é um local grande. (SOUSA, 2022).

Os eventos acontecem todos os anos, mas não tem um período específico, porém se intensificam a partir do mês de maio. O evento no Parque de Vaquejada Lucindo Mendes de Sousa ocorre sempre no mês de maio desde o ano 2001 e já se tornou tradição na região de Fortuna. O Sr. Gildenor explicou que as festas acontecem a partir de maio porque chove menos. Na imagem abaixo esta mostra a pista de vaquejada do parque Lucindo Mendes de Sousa.

Figura 27: Parque de vaquejada Lucindo Mendes



Fonte: Gildenor Gomes de Sousa (2022)

Antes dos vaqueiros iniciarem a festa de vaquejada, participam de uma cavalgada denominada “Cavalgada do Vaqueiro” que tem como objetivo reunir a vaqueirama de Fortuna e toda a região. O vaqueiro, com seu uniforme peculiar, demonstra toda a cultura e o significado que tal vestimenta possui no seu cotidiano. Aires (2018) corrobora dizendo:

As vestimentas nas vaquejadas são compostas de acessórios que diferem desta paisagística comum, embora seja comum às pessoas usarem bonés, calças jeans e camisetas em seu cotidiano. As botas de couros, as perneiras, os chicotes dos vaqueiros são instrumentos que demarcam referências para de quem é da vaquejada. (AIRES, 2018, p. 6)

As vestimentas compostas de couro estão ligadas ao início das festas de apartações (FELIX; ALENCAR, 2011) complementa dizendo que o traje era uma forma de se proteger-se das espécies espinhentas da caatinga.

Figura 28: Cavalgada dos vaqueiros em Fortuna



Fonte: Prefeitura municipal de Fortuna (2022)

A cavalgada inicia em frente à Igreja Matriz de Nossa Senhora de Lourdes, no centro da cidade de Fortuna – MA. Antes, é realizada a missa do vaqueiro. Nesse momento, os vaqueiros se unem na igreja para fazerem suas orações e agradecerem pelas bênçãos concedidas em suas vidas e acima de tudo, pedem que o evento seja tranquilo, com paz e muita alegria. Eles agradecem pela vida e pedem proteção a Nossa Senhora de Lourdes, padroeira da cidade, e à padroeira dos vaqueiros, Nossa Senhora Aparecida.

No dia 23 de julho de 2002, ocorreu a primeira Cavalgada Cultural de Fortuna – MA, organizada pela Prefeitura Municipal, vale ressaltar que o município sempre patrocinou as cavalgadas. O objetivo da cavalgada cultural é fortalecer o evento da

vaquejada, tendo em vista que é uma festa comemorativa que vem crescendo anualmente e reúne milhares de vaqueiros e simpatizantes.

Figura 29: Padre rezando a missa dos vaqueiros



Fonte: Prefeitura municipal de Fortuna (2022)

A missa do vaqueiro é um ato religioso, cultural e social. Os vaqueiros expressam a sua fé, reúnem familiares e amigos e vivenciam a celebração do ofício. Nas palavras do padre da Igreja Nossa Senhora de Lourdes, Raimundo Luzia, a missa do vaqueiro significa:

Um momento de agradecer pela vida, saúde. Nesse momento os vaqueiros vão se ajoelhar, expressando sua fé. E é importante ressaltar que é um encontro de vaqueiro, mas aqui se encontra agricultores, fazendeiros, mulheres, crianças, é momento de alegria (LUZIA, 2022).

Logo após a missa, se inicia a cavalcada que percorre as principais ruas da cidade até o local onde ocorrerá o evento. As vaquejadas normalmente acontecem no decorrer de dois a três dias. No parque de vaquejada do Sr. Gildenor, por exemplo, acontece durante três dias.

O ultimo evento do parque de vaquejada Lucindo Mendes de Sousa ocorreu nos dias 27, 28 e 29 de maio de 2022, durante três dias, com uma premiação total de dez mil reais, sendo distribuído em três categorias: iniciante, com dois mil reais, amador, com três mil reais, e profissional, com cinco mil reais. Nivaldo Barbosa de Sousa, da cidade de Fortuna, foi o vaqueiro vencedor da categoria profissional. O vaqueiro da categoria amador que ganhou o prêmio é de Passagem Franca/MA e se chama Kaio Sousa

Carvalho e o da categoria iniciante se chama Armando Pereira de Sousa. O Sr. Nivaldo relatou que:

Participar da brincadeira é um sentimento de realização, fazer o que a gente gosta, estar no meio da festa de vaquejada, reunido com os amigos, os vaqueiros. Ganhar o prêmio é bom, mas mesmo que a gente não ganhe, pelo menos participou da brincadeira, se divertiu (SOUSA, 2022b).

Os festejos de vaquejada contam a presença de vaqueiros de todas as cidades vizinhas, todos os proprietários de parques de vaquejada recebem o convite da festa que por sua vez comparecem ao evento, mas também se encontram no evento os vaqueiros que vem de forma espontânea, mesmo que não tenha recebido o convite oficial, todos são bem-vindos.

A vaquejada é um patrimônio cultural imaterial para o Nordeste. O vaqueiro se identifica com esses festejos que são passados de geração para geração – é um sentimento de pertencimento. A vaquejada é para um vaqueiro um estilo de vida, é o momento de celebrar e manter viva uma tradição do povo nordestino.

Nesses festejos são celebrados os costumes do povo e o vaqueiro se apresenta como uma figura marcante da região nordestina: as músicas, as roupas, os laços, tudo carrega consigo um significado. São momentos de alegria e de reunião de toda a vaqueirama para cantar o aboio e as toadas nas rodas de amigos.

Os vaqueiros levam sua família para as vaquejadas, o filho acompanha o pai nas vaquejadas que por sua vez cresce acompanhando e celebrando a vaquejada, a tradição é passada dos pais para os filhos, as toadas, as cantorias, o modo correto de montar o cavalo, a primeira corrida na pista de vaquejada, etc. são ações que compõem o tradicional ofício de vaqueiro e as atividades da vaquejada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vaquejada faz parte da vida do povo nordestino. Esses festejos são praticados há mais de um século, originaram-se da “pegada de gado” nas fazendas no recolher do rebanho para ferra-los e comercializa-los. A vaquejada representa uma atividade cultural do povo nordestino, carrega consigo significados representativos e identitários, uma vez que as pessoas que participam dos festejos se exercem um sentimento pertencimento com tal prática.

Os festivais de vaquejada reúnem milhares de pessoas para celebrar a cultura do povo nordestino, são vaqueiros e simpatizantes que se identificam com as músicas, as toadas, as vestimentas e o ofício de vaqueiro. São pais que levam seus filhos e filhas para celebrar e transmitir a cultura.

Seu reconhecimento como patrimônio cultural imaterial trará mais segurança e apoio aos festejos realizados, sendo fonte de empregos para milhares de pessoas. De acordo o IPHAN (2023), o reconhecimento de um bem cultural de natureza móvel e imóvel traz mais proteção e preserva a tradição e, posteriormente, pode trazer mais investimentos para o bem e, no caso da vaquejada, como um esporte, poderá contribuir para salvaguardar o ofício e sua celebração que fazem parte da história do povo nordestino.

A vaquejada é um patrimônio cultural imaterial que representa milhares de pessoas, desde a devoção dos vaqueiros com os santos protetores ao sentimento de pertencimento no ato de participar dos festivais.

Em Fortuna – MA, a vaquejada é uma cultura muito presente na área urbana e na zona rural: o ofício de vaqueiro, as cavalgadas, a missa dos vaqueiros e a prática da vaquejada contam com a presença de milhares de pessoas, homens, mulheres e crianças que celebram e participam dos festivais.

Para o vaqueiro, a vaquejada é um estilo de vida, um momento de alegria e celebração, de encontrar os amigos e cantar as toadas que fazem parte do ofício de vaqueiro. É, também, o momento de levar seus filhos e filhas para conhecer e repassar os saberes que fazem parte do ofício.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Capistrano de. **Capítulos de história colonial: 1500-1800**. Rio de Janeiro: M. Orosco & C, 1907.
- ALMEIDA, Maria Geralda; RATTS, Alecsandro J.P. (orgs.). **Geografia: Leituras Culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003. p. 159-183.
- BARROS, Rafael. **A pecuária no desbravamento do sertão nordestino**. Minas Gerais. 2011. P. 1-12.
- BEZERRA, José Fernandes. **No mundo do vaqueiro**. Não paginado. Disponível em: <http://www.barcelona.educ.ufrn.br/mundo.html> > Acesso em 12 de junho de 2022.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1998**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm > Acesso em 24 de março de 2022.
- CASTILHO, Nicole. O Ofício de Sineiro Patrimônio Imaterial. **Click Museus**, 2021. Disponível em: < <https://clickmuseus.com.br/o-oficio-de-sineiro-patrimonio-imaterial/>> Acesso em 25 de março de 2022
- CHUVA, Márcia. Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, V, n. 5, mar. /set., p. 89-107, 2012.
- FELIX, Francisco Kennedy Leite; ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. O vaqueiro e a vaquejada: do trabalho nas fazendas de gado ao esporte nas cidades. **Revista Geográfica de América Central**, Costa Rica, Universidad Nacional Heredia, vol. 2, julho-dezembro, 2011, p. 1-13.
- FORTE, Vinicius. **O ponto de vista nordestina: Capistrano de Abreu e a Constituição do campo intelectual cearense**. 2011. Tese (Pós-graduação em Sociologia). Universidade Federal do Ceará. Ceará. 2011.
- FRAZÃO, José. **Memórias: História e Geografia**. Fortuna – MA. 1987.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. *In*: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 21-29.
- GORENDER, Jacob. **O Escravidão Colonial**. Rio de Janeiro. Editora Fundação Perseu Abramo. 2013.
- IBGE. Pastos Bons, Prefeitura. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/pastos-bons> > Acesso em 10 de Agosto de 2022.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO E CULTURAL DA BAHIA. **Ofício de vaqueiro**. Salvador: Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, 2013.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Patrimônio Imaterial**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>> Acesso em 24 de março de 2022.

KANAMARU, Antonio Takao *et al.* As transformações do couro no trabalho de Espedito Seleiro como alternativa de superação para as adversidades do sertão. **Revista Labor**, Fortaleza. nº 11, v.1, 2014. p. 62-75.

LEITE, Kalinca Gonçalves. A prática da vaquejada à luz princípio da universalidade. *In: SEMANA ACADÊMICA: REVISTA CIENTIFICA*. Fortaleza. Edição 204. V.9. Ano 2021. > Acesso em 20 de junho de 2022.

MAZZUCCHI Ferreira, Maria Letícia. Patrimônio: discutindo alguns conceitos. **Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**. Maringá, vol.10, núm. 3, p. 79-88, 2006.

MAIA, Doralice Sátiro. A vaquejada: de festa sertaneja a espetáculo nas cidades. *In: FORTUNA, Lei nº 077, 4 de abril de 2016*. Regulamenta a Vaquejada como prática desportiva e cultural no Município de Fortuna e outras providências. Fortuna, 2016.

MATTES, Anita. Análise do reconhecimento legal da vaquejada como patrimônio cultural imaterial brasileiro. **Revista Direitos Culturais**, Santo Ângelo. v. 13, n. 29, p.105-124, 2018.

MEDRADO, Joana. **Do pastoreio à pecuária: a invenção da modernização rural nos sertões do Brasil Central**. 2013. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2013.

MENEZES, Djacir. O Outro Nordeste: Formação Social do Nordeste. *In: FREYRE, Gilberto (org.). Coleção Documentos Brasileiros*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1937.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo. Editora Brasiliense. 2004.

SCHLESINGER, Sérgio. **Onde Pastar? O gado bovino no Brasil**. Rio de Janeiro. Fase Solidariedade e Educação. 2010.

A importância econômica e cultural da vaquejada e a relevância do seu reconhecimento como patrimônio cultural. Alagoas. 2017. Monografia (Bacharel em economia) Universidade Federal de Alagoas.

SILVA, André. **História, Memória, Cultura, Religiosidade e Fé: A Missa do Vaqueiro de Manari – PE.** In: ANPUH BRASIL – 30 SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. Fortaleza. 2019.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Formação Histórica do Brasil.** São Paulo. Editora Brasiliense. 1964.

TEIXEIRA, Carlos Alexandre Pereira. **Relatos de memórias: Vaqueiros do Alto do sertão da Bahia.** I ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 14, 2018, Campinas.

Entrevistas

BORGES, Gesina Sousa. Entrevista concedida a Raimundo Gonçalves Chaves, em 10 de julho de 2022, em Fortuna – MA.

CHAGAS, Francisco de Oliveira. Entrevista concedida a Raimundo Gonçalves Chaves, em 15 de julho de 2022, em Fortuna – MA.

FILHO, Arlindo Barbosa. Entrevista concedida a Raimundo Gonçalves Chaves, em 11 de agosto de 2022, em Fortuna – MA.

MENEZES, Emanuel Dias. Entrevista concedida a Raimundo Gonçalves Chaves, em 22 de setembro de 2022, em Fortuna – MA.

MOURA, Ana Gomes. Entrevista concedida a Raimundo Gonçalves Chaves, em 14 de julho de 2022, em Fortuna – MA.

MOURA, João Gomes. Entrevista concedida a Raimundo Gonçalves Chaves, em 19 de setembro de 2022, em Fortuna – MA.

SOUSA, Lucindo Mendes. Entrevista concedida a Raimundo Gonçalves Chaves, em 22 de julho de 2022, em Fortuna – MA.